DIMENSÃO SOCIAL, EDUCATIVA E CULTURAL

DA ACTIVIDADE DOS COROS PAROQUIAIS

Dizia o grande pensador indiano Mahatma Ghandi que "o *cosmos* consta de três espaços vitais e cada um oferece o seu próprio modo de ser: no mar vivem os peixes e estão calados; na terra vivem os animais e gritam; no céu vivem os pássaros e voam. Mas o homem participa dos três espaços: ele leva em si a profundidade e o silêncio do mar; o peso e os gritos da terra; as alturas e a música do céu". O homem realiza-se precisamente na medida em que assume estas três realidades: o silêncio, o grito e o canto. É esta dimensão exclusivamente humana de comunicar a música do céu, essa "única centelha divina que o homem conseguiu captar"[1] que dá sentido à prática do canto coral com todos os seus efeitos: psicológicos, educativos, culturais, sociais, cultuais, teológicos.

O Coro nasceu no alvorecer da história do mundo; ao descobrir e se associar ao outro, o homem nada fazia senão expressar, em coro, sentimentos e paixões comuns, as alegrias que tocavam toda a tribo ou os sofrimentos que diariamente afectavam a vida das comunidades primitivas. Podia até ser apenas um cantar marcado por gritos, ordenados ou sem forma, misturados com gestos ou ruídos, percutindo o próprio corpo ou um qualquer rudimentar objecto, mas muito distantes ainda daquilo a que hoje chamamos melodias. Ao longo de milénios, o homem foi aprendendo muitas coisas**:** os rituais religiosos, as festas depois de uma caça abundante ou celebrando alguma vitória, os banquetes ao ar livre durante a entronização do chefe, as danças no início das estações, tudo tinha de ser abundantemente acompanhado por música e canções relativamente desenvolvidas e formalmente distintas: canções rituais, aclamações, ladainhas, canções de trabalho, canções de embalar... que se podem encontrar ainda hoje em áreas não contaminadas pelos efeitos nocivos da civilização**.** O canto coral floresceu instintivamente desta necessidade primordial, exaltada em momentos humanos e históricos particularmente significativos, ou em contextos sociais intensos, mas também ofuscada ou silenciada, muitas vezes, por uma tendência esmagadora para o exibicionismo solista ou por formas musicais mais eruditas e inacessíveis, que inevitavelmente estreitam o círculo de intérpretes e de ouvintes.[2] Mais do que uma dimensão puramente estética ou artística, era a procura da concórdia e a edificação da paz que marcava então o interesse pela música, cultivado em especial pela cultura grega ou romana, antepassadas da

---

[1] JACQUES CHAILLEY, *40 000 ans de Musique*, Ed. Plon, Paris, 1961, p. 76.

[2] Cfr. VALENTINO DONELLA, *Voci, Coro, Coralità,* Ed. Carrara, Bergamo, 1987, p. 54-57. No entanto será importante distinguir entre inacessível ou que apenas exige mais esforço. Aliás, a apreensão imediata de uma determinada música é, na maior parte das vezes, indício de inferioridade, ou mesmo de mediocridade; por outro lado, algo que dá trabalho a apreender acaba por se tornar marcante, imperecível, que se tem maior gosto em interpretar. Por outro lado, as pessoas com menos conhecimentos musicais são as que mais facilmente apreendem, assimilam e consolidam uma música determinada, de modo que é particularmente perigoso ensinar algo com erros, que depois se tornam muito difíceis de corrigir.

cultura europeia, na medida em que tanto a palavra como a experiência coral e até o conceito de coro "eram vistos como exemplo e ponto de partida para a concórdia, a unidade e a solidariedade, à imagem das cordas de uma cítara, irmanadas numa única harmonia". Assim se exprimiam os sábios gregos, de uma forma herdada mais tarde pelos Padres da Igreja primitiva, para quem as vozes de um coro, na sua diversidade tímbrica, depois transformada em unidade harmónica, eram apresentadas como sinal visível da concórdia que deveria animar as comunidades cristãs e a sociedade dos homens.[3] Como escrevia Santo Isidoro de Sevilha, o Coro define-se como "aquela concórdia que se realiza na caridade pois, se não se tiver caridade, não se pode responder convenientemente".[4] Essa doutrina que inspirou a prática coral na comunidade cristã e inspirou a criação e actividade das chamadas *scholae cantorum*, ao longo de séculos, é lapidarmente resumida, já mais recentemente, pelo Papa São Pio X quando escreve: "Tenha-se o cuidado de restabelecer as *Scholae Cantorum* (…), pois se encontrará nelas um meio fácil para reunir em volta de si as crianças e adultos, com proveito para eles e edificação do povo".[5] Esta dimensão educativa e mesmo moral da prática coral é belamente resumida nestas palavras: "Os músicos talentosos podem certamente oferecer actuações significativas, mas infelizmente nem sempre isso é reflexo de uma vida recta. Por outro lado, se cantarem não só com as suas vozes, mas com a mente e o coração, conseguirão reconhecer nas diferentes dimensões da sua vida as dissonâncias que não reflectem ainda a beleza divina expressa na música. Este é um desafio para todo músico, cantor e director de coro: garantir que a música não se limite à observância dos princípios estéticos de beleza exterior, mas seja também um eco da beleza interior. Se permanecermos presos ao mal e ao vício, em qualquer área da nossa existência, ao tentarmos produzir uma música que se afirma como autenticamente bela, gera-se uma verdadeira hipocrisia".[6]

---

[3] "Tornai-vos um coro de modo a que estando em uníssona concórdia, tomando unanimemente o "tom de Deus" (χρομα Θεου) canteis, a uma só voz, um hino por Cristo a Deus Pai". (SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos cristãos de Éfeso*, 4,1-2. "Num coro numeroso, com muitos homens, mulheres, crianças, velhos e adolescentes, sob a direcção de um só, todos cantam conforme sua capacidade e estado, homem como homem, criança como criança, velho como velho, jovem como jovem. No entanto, todos formam uma só harmonia" (SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Discurso contra os gentios*).

[4] "O Coro é formado pela multidão que se reúne, formando uma coroa, à volta do altar, animada pelos seus cânticos nas acções sagradas; outros consideram que o Coro é a reunião das pessoas a quem a concórdia, que nasce da caridade, reúne e anima, pois quem não tiver caridade não poderá responder convenientemente; na Grécia, quando é um só que canta, chama-se melodia; quando são dois chama-se bicínium, e quando os que cantam são muitos, então chama-se Coro" (SANTO ISIDORO DE SEVILHA, *Etymologiarum seu originum libri XX*, Cap. De officiis).

[5] PIO X, *Motu Proprio "Tra le sollecitudini"* (1903), n. 27. As *Scholae Cantorum,* não eram apenas grupos corais a quem devemos a prática, difusão e conservação do riquíssimo património coral da Igreja Católica, desde o séc. VII, mas eram também verdadeiras escolas de vida, de formação moral, de formação intelectual a diversos níveis e foram um fecundo viveiro de vocações musicais e até religiosas.

[6] ROBERT SARAH / PETER CARTER, *Il Canto del Agnello: Musica sara e liturgia celeste,* Ed. Cantagalli, Siena, 2025, p. 209.

Ao canto coral compete captar as raízes da cultura e a identidade de um povo, na medida em que a primeira e mais eficaz relação humana, como é a da mãe junto ao berço de uma criança, é o cantar: a cultura, a identidade, a relação com o outro, bebem-se com o leite materno condimentado com a doçura das canções de embalar. "Os coros que incorporam características de música comunitária (uma forte articulação comunitária, autonomia individual e laços de comunhão) contribuem para aumentar significativamente as possibilidades de criação de capital social, ligando pessoas de interesses e contextos semelhantes para criar um ambiente de cooperação mútua, de amizade e de boa vontade. Podem, também, contribuir para aumentar o desejo de participar em mais e diversas atividades sociais, no sentido de conhecer melhor os novos membros e descobrir mais sobre seus companheiros/membros do coro comunitário. Estas atividades criam um ambiente de comunhão que se vai progressivamente desenvolvendo, pois cantar em corais proporciona um tipo de prazer que provém do trabalho em conjunto, das conquistas que, em grupo, se vão conseguindo fazer. Isto porque, mesmo que apenas temporariamente, cria uma identidade coletiva, formada através de um propósito unificado e valores compartilhados. As pessoas cantam juntas sem distinções de posição social e culturais, e o sentido de fazer parte de um grupo é reforçado com as apresentações públicas".[7]

No canto coral se exprime "a forma de ser, o amor pela terra, o amor na família, o amor ao Criador que nos deu a nossa terra, a nossa a vida de alegria, uma alegria que se torna maior ainda quando a vemos à luz da fé. Como escrevia Santo Agostinho: "Cantar é próprio de quem ama". O cantar "é quase um voar, um erguer-se até Deus, um antecipar, de certo modo, a eternidade, quando poderemos cantar eternamente os louvores de Deus", nas palavras do Papa Bento XVI. Não é possível imaginar uma civilização muda, incapaz de cantar e de cantar o seu próprio destino em comunidade; mais ainda, a desgraça e a falta de liberdade são retratadas no silêncio das canções, simbolizado pelas harpas hebreias penduradas nos salgueiros das margens dos rios de Babilónia, cantadas no *Salmo 137* e no belo poema de Luís de Camões. O estadista e monge romano do séc. VI escrevia, com acerto: "Se continuardes a cometer injustiças, Deus vos deixará sem música". Elemento primário e fundamental na actividade coral é "saber escutar": uma pessoa até pode ser um bom cantor, ter uma bela voz, pode ter uma grande cultura musical, mas nem por isso conseguirá cantar em coro se não souber escutar: em primeiro lugar deve escutar aquele que canta ao seu lado a mesma melodia, para conseguir criar uma única voz, uma única sonoridade, resultante da fusão de muitas vozes como se fossem uma só; depois tem que escutar as outras vozes, por forma a realizar o que se chama harmonia, uma variedade e diversidade de sons que se conjugam de um modo que dizemos "afinado", "consonante", "polifónico", "sinfónico",

[7] IRENE ZUZARTE CORTESÃO MELO DA COSTA, *Processos e resultados percebidos sobre a participação em projetos de música coral comunitária com crianças: "...e gostamos de estar à beira dos nossos colegas, a cantar todos juntos!"*, Tese de Doutoramento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2019, p. 145.

contribuindo para um todo que não é apenas a soma das partes, mas uma realidade nova e superior.[8] Para isso contribui ainda a atenção ao respectivo Director. Como escreveu recentemente o Card. Robert Sarah: "Cantar [em coro] requer uma certa dose de altruísmo, dar voz pode ser desconfortável ou embaraçoso, especialmente se não se aprendeu bem a fazê-lo e se sente desconfortável com o que os outros possam pensar".[9] Assim, o cantor exercita a sua humildade na escuta e no seguimento do outro, é formado na disciplina que o leva a não se guiar apenas por si mesmo; por tudo isto, o canto coral é também um instrumento de educação psicológica: a mente é exercitada na leitura da partitura, na atenção vigilante ao papel e ao Director – por isso se diz que devemos ter um olho na música e outro no Director – de onde assistimos ao nascimento de criaturas musicais que, de outra forma, ficariam sem vida, transformando os sinais estampados num papel na alegria, renovada todos os dias, de poder explorar repertórios cada vez mais exigentes e gratificantes.[10] Pela relação do repertório com os cantos nascidos e cultivados com a vida da comunidade, a música coral, sobretudo a música praticada pelos grupos mais simples, não profissionais, é a que melhor contribui para a preservação das tradições. Cabe então às associações corais, mais limitadas, mas providenciais, manter viva a enorme herança desta música acessível e alternativa.

Esta relação com as tradições educa ainda para uma dimensão histórica e cultural da vida, alicerçada num passado que abre as fronteiras de um património que leva ao encontro com outras comunidades, à descoberta de outros mundos, sobretudo pelo acesso ao considerável repertório de música coral que foi sendo criado ao longo de séculos: um património de valor incalculável, desde as composições litúrgicas, a obras de autores consagrados ou canções populares anónimas. Numa sociedade em que as relações humanas tendem a ser absorvidas pela força da tecnologia que, em nome de

---

[8] O canto coral, enquanto prática social e enquanto actividade educativa-musical tem sido objecto de estudo por autores que relvam os benefícios desta atividade para o desenvolvimento dos coros e seus membros nas dimensões pessoal, interpessoal e comunitária, confirmando que a actividade coral é uma trama rica de possibilidades formadoras de humanização e socialização. As possibilidades sócio-educativas da prática coral podem contribuir para fortalecer o desenvolvimento de projectos e acções ligadas à educação musical, cultural e social. Sendo uma prática que acompanha a História, nomeadamente pela sua utilização em contexto catequético e litúrgico, foi no séc. XX que melhor se percebeu e explorou, mesmo politicamente esta potencialidade da música coral, com relvo para a acção de Heitor Villa-Lobos no Brasil e o seu *Movimento Orfeónico* quando ele enchia estádios de futebol com pessoas cantando em coro.

[9] ROBERT SARAH / PETER CARTER, o. cit., p. 96.

[10] "A experiência de participação num coro implica também aprender a relacionar-se com o outro e a aceitarem-se mutuamente. Neste sentido, a participação no canto coral pode trazer desenvolvimentos ao nível emocional, social e cognitivo, contribuindo para o bem-estar geral dos participantes. A música, se significativa nos contextos culturais do participante, pode melhorar a qualidade de vida através do desenvolvimento da consciência emocional, da sua capacidade de agência, de pertença, de significado e de coerência com a comunidade" (IRENE COSTA, o. cit. p. 144).

um diálogo ou uma relação intermediada por um qualquer telemóvel, as afasta cada vez mais umas das outras, empurrando-as para um isolamento tantas vezes inconsciente, a pessoa humana vê-se reduzida a um simples indivíduo no aglomerado caótico dos meios de transporte, dos centros comerciais e até mesmo de muitas assembleias litúrgicas, frequentadas fora do próprio ambiente familiar e social e reduzidas a uma multidão de desconhecidos: A fragmentação e dispersão da família, o distanciamento do local de trabalho em relação ao ambiente da vida, tudo isto contribui para o risco de nos tornarmos seres isolados numa correria de estranhos, apressados e indiferentes. Por isso, afirma Barbara Brinson: "A participação na actividade coral pode proporcionar prazer e enriquecimento a toda a gente e favorece a formação de uma personalidade criativa e socialmente aceitável, para expressar sentimentos e partilhá-los em comunidade com outros seres humanos; as pessoas precisam umas das outras e, porque o conceito de família tradicional se expandiu para incluir muitos lares desfeitos, onde os pais podem ter pouco tempo para passar com os filhos, uma organização musical pode servir como substituto saudável e agradável para uma família ou como extensão da unidade familiar".[11]

É neste contexto tão actual que a experiência de cantar num Coro contribui para recuperar esse laço social de que tantos dos nossos contemporâneos já não podem usufruir. O Coro pode ser, deve ser e é, se for bem orientado, um lugar onde as relações humanas voltam a ser verdadeiras, onde nos conhecemos, onde somos chamados pelo nome, onde perseguimos juntos o mesmo objetivo, onde experienciamos a vida com outros, a nível físico – pela proximidade, pelas vibrações sonoras emitidas e ouvidas – intelectual, afectivo e espiritual. Quantas vezes não é o Coro a família daquelas pessoas a quem os infortúnios da vida lançaram no isolamento, desprovidas de companhia, sem alguém que escute a sua voz, lhes ofereça um ombro amigo, um lenço para enxugar as lágrimas acumuladas em dias de solidão!...[12]

O canto coral sempre acompanhou e deu voz a paixões colectivas, a grandes momentos de fé, a ideais que surgem de tempos a tempos, às mais importantes transformações históricas. No sumptuoso Templo de Jerusalém, nos Jogos Olímpicos de Grécia, nos países distantes da China e da Índia, no Egito mágico, o lento fluxo das estações e eventos era pontuado por cantos que se perderam. A novidade cristã, que fermentava enormes massas de fiéis por toda a Europa, produziu e foi acompanhada por essa experiência

---

[11] BARBARA A. BRINSON, *Choral Music, Methods and Materials*, Schirmer Books, New York, 1996, p. 6.

[12] Esta relação especial do coro com a realidade familiar pode, por outro lado, trazer consequências que exigirão do Director um cuidado e uma sensibilidade especiais: muitas vezes a relação familiar pode constituir um enriquecimento do efectivo do próprio coro, na medida em que uma pessoas "chamam" as outras; no entanto, a experiência diz-me também que, em caso de conflito, entre elas ou de alguma delas com próprio cor, isso poderá resultar numa debandada que venha a lesar consideravelmente o coro e o trabalho realizado.

irrepetível que é o Canto Gregoriano.[13] Em muitos países, como Portugal, existe uma forte tradição do associativismo musical, movendo milhares de pessoas em grupos corais, formais ou informais, fortalecendo laços regionais.[14] Desta dimensão social do canto em coro deriva outra não menos importante que é a *dimensão pedagógica* que a música coral reveste, de forma simples, mas eficaz, pelo que o canto coral é um meio de *educação cívica*. Cantar em coro educa para a coexistência, a tolerância para com os outros, a aceitação mútua. "O Coro é, de facto, uma comunidade em que cada um se deve esforçar pelo máximo nivelamento da personalidade em ordem à maior homogeneidade possível de som e cor; cada um deve dar o melhor de si em prol do resultado artístico do conjunto, sem que nenhum dos seus membros possa gabar-se disso".[15] Cantar num coro cultiva a tolerância e a colaboração mútua, virtudes que se tornam cada vez mais indispensáveis do "homem social", nos tempos que correm. Então, como recordava Bento XVI: "a cultura popular que se apresenta deste modo tão elevado é uma joia da nossa identidade europeia, que devemos cultivar e promover".[16] Foi precisamente esta forma de sentir que inspirou ao poeta Friedrich Schiller a célebre "Ode à Liberdade" – habitualmente chamada "Hino à Alegria" – imortalizado pelo compositor Ludwig van Beethoven, no final da sua *Nona Sinfonia*: "Uni-vos, milhões de seres humanos, num abraço que envolva o mundo inteiro pois, para além do céu estrelado, deve habitar um Pai que nos ama".[17] É esse grito, é esse acreditar, que a música de Beethoven expandiu pelo mundo inteiro, que define a própria unidade europeia que todos pretendemos ver realizada nas nossas vidas.

Ao assumir estas componentes que a experiência coral proporciona a todo aquele que a pretenda viver, o canto coral litúrgico, por sua vez, assume a dimensão e missão superior, de nos fazer escutar mais claramente a voz de Deus, esse "Pai que nos ama" e que, entre tantos outros dons, nos concedeu o dom da música que muita gente, nas comunidades mais simples e porventura distantes dos grandes centros, pode usufruir por meio da

---

[13] Poderemos considerar em cinco formas de acção da actividade coral: pessoal, colectiva ou interpessoal, comunitária, social e política. A prática musical possui uma força única, vinda de uma actividade comum, perpassando a nossa individualidade e harmonizando-nos com o nosso eu interior (dimensão pessoal), com o outro social (interpessoal) e com a sociedade em que vivemos. (Cfr. IRENE COSTA, *o. cit.*)

[14] O movimento coral criado pelos chamados *Encontros de Coros do Norte de Portugal,* desenvolvido especialmente a partir dos anos 80' do século passado é um excelente exemplo disso. Mas existem outras iniciativas regionais, em vários países como Espanha, e mesmo internacionais como a "*A Coeur Joie"*, uma associação amadora de canto coral, que se tornou internacional, fundada em 1948, em França, por Reine Bruppacher e César Geoffray.

[15] ROBERTO GOITRE in "La Cartellina" 45 (1986), citado em VALENTINO DONELLA, *o cit.* p. 56.

[16] BENTO XVI, *Discurso* a um grupo de Coros, a 20 de Julho de 2007.

[17] "*Seid umschlungen Millionen! Diesen Kuß der ganzen Welt! Brüder — überm Sternenzelt Muß ein lieber Vater wohnen"* (FRIEDRICH SCHILLER, *"An die Freude"*, poema publicado no ano de 1786, na *Revista "Thalia"*, por ele fundada e dirigida. Sujeito a sucessivas revisões pelo poeta, inconformado com o conteúdo do poema, pelo seu irrealismo, a última versão foi publicada postumamente, em 1808. Foi esta que Beethoven utilizou na *Nona Sinfonia*).

participação nas celebrações, escutando e cantando também. Como afirmava o compositor Hermann Schroeder (1904-1984): "um coro de igreja não é uma sociedade coral que apenas canta algo aos fiéis na nave ou oferece a arte de cantar, mas é um guia de oração para os outros".[18] E vamos ao ponto de dizer que as vocações musicais de quantos marcaram e marcam a História da Música – cantores, instrumentistas, maestros, professores, compositores – nasceu, na sua grande maioria, da prática da música coral litúrgica, desde os chamados "meninos cantores" aos grupos de adolescentes, jovens e adultos, que foram crescendo também alimentados pela prática musical, especialmente a prática coral.[19] Nas palavras, sempre oportunas do músico-pontífice que foi Bento XVI: "A educação para o canto, para cantar em coro, não é só um exercício da parte exterior do ouvido e da voz; é também uma educação do ouvido interior, o ouvido do coração, um exercício e uma educação para a vida e para a paz. Cantar juntos, exige atenção ao outro, atenção ao maestro, atenção a esta totalidade que chamamos música e cultura e, desta forma, cantar em coro é uma educação para a vida, uma educação para a paz, um caminhar juntos"[20]. Talvez estes, como poucos, cheguem a compreender o pleno sentido das palavras com que iniciámos a presente reflexão e se podem assumir como essa voz que voa cantando e canta voando, reunindo em si mesmos a relação entre terra, mar e céu, que nos faz cidadãos não apenas de uma determinada área geográfica, mas do próprio Universo.

Meadela, 21 de Setembro de 2026
Jorge Alves Barbosa

[18] HERMANN SCHROEDER: *Kirchenmusik heute, Chance oder Agonie?* Palestra realizada no Kloster Knechtsteden a 14.12.1976, citada em JOHANNES SCHARFENBERGER, "Die Sicht Hermann Schroeders auf Fragen der Kirchenmusik im 20. Jahrhundert". Tese de Mestrado, Mainz, 2015, p. 5.

[19] Entre os compositores célebres que iniciaram a sua carreira como meninos-cantores em coros de catedrais ou paróquias, podemos citar, por ordem cronológica, os nomes de Jacob Gallus, Cláudio Monteverdi, Joseph Haydn. Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Schubert e Maurice Duruflé.

[20] BENTO XVI, *Discurso* a um grupo de Coros, a 20 de Julho de 2007.